



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 16 - julho de 2016

**Indignação e engajamento em dois projetos literários: um breve estudo
comparado das produções não ficcionais de
Graciliano Ramos e João Antônio**

*Adriano Guilherme de Almeida**
*Benjamin Abdala Jr.***

RESUMO

O presente artigo visa apontar relações entre o projeto literário de Graciliano Ramos e o de João Antônio, tendo como foco alguns textos não ficcionais em que os dois autores apresentam sua visão sobre a literatura. Entre os nexos comparativos, destacamos o engajamento político de ambos os escritores, para os quais a literatura deveria ser uma forma de compreender e problematizar a realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Graciliano Ramos; João Antônio; Engajamento; Crítica social; Papel do escritor

ABSTRACT

The present article aims at pointing out the relationship between the literary Project of Graciliano Ramos and that of João Antônio, focusing on some non-fictional texts in which both authors present their respective views on literature. Among the comparative aspects, we highlight the political engagement of both writers, to whom literature should be a form of understanding and problematize reality.

KEYWORDS: Graciliano Ramos; João Antônio; Political engagement; Social critic; Author's role

* Doutorando na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo – USP – São Paulo, SP, Brasil. adrianoidealmeida1975@gmail.com

** Doutor em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo. Professor titular da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP – São Paulo, SP, Brasil. benjamin@usp.br

Introdução

A visão da literatura como fenômeno de caráter meramente ornamental, e desligado, dos problemas concretos vividos pela sociedade, constitui um fenômeno importante no Brasil. Os primeiros passos de nossa produção intelectual são marcados pelo distanciamento dos problemas locais e pela criação de ilhas de inteligência, as “cidades das letras”, na expressão do crítico uruguaio Ángel Rama (1985).

Se na maior parte do tempo o que vimos é o nosso homem das letras trabalhando para os desígnios do *status quo*, o século XX e a modernidade trazem à tona um novo ator social – o escritor engajado, o tipo de intelectual que se ocupará de observar criticamente a ordem social em que vive, denunciando os poderes constituídos e buscando desmascarar a fachada positiva com que as elites encobriram as contradições de nosso processo de “modernização conservadora”¹: “[...] a complexa articulação de ‘progresso’ (adaptação ao capitalismo) e a conservação (permanência de importantes elementos da antiga ordem)” (COUTINHO, 2011, p. 206).

Acreditamos que Graciliano Ramos e João Antônio sejam casos exemplares de escritores que questionaram a atividade intelectual apartada da realidade; são casos exemplares de escritores engajados: críticos, portanto, das vozes hegemônicas das nossas elites patrocinadoras de uma cultura ornamental, a qual será entendida por eles como forma de embelezamento enganador.

Neste breve estudo, procuraremos mostrar esse posicionamento dos dois autores, a partir de a partir de textos em que eles declararam explicitamente suas concepções de literatura, concepções que podem ser ilustradas por estas palavras de Antonio Candido:

Uma das coisas mais importantes da ficção literária é a possibilidade de “dar voz”, de mostrar em pé de igualdade os indivíduos de todas as classes e grupos, permitindo aos excluídos exprimirem o teor da sua humanidade, que de outro modo não poderia ser verificada (CANDIDO, 2004, p. 11).

Nosso enfoque, no entanto, não será a produção literária de Graciliano Ramos e João Antônio, mas, sim, alguns textos de caráter predominantemente não ficcional em

¹ Carlos Nelson Coutinho indica Barrington Moore Jr. como autor dessa expressão (COUTINHO, 2011, p. 206).

que os autores expressaram sua concepção de literatura². Ocupar-nos-emos, portanto, menos da realização literária e mais da concepção de literatura de cada um deles.

Antes disso, gostaríamos de destacar alguns aspectos importantes da história da cultura brasileira que estão subjacentes às problematizações propostas pelos dois autores.

1 A “tradição oratória” nas letras brasileiras

Em *Literatura em campo minado* (1999), Marcelo Bulhões chama a atenção para a importância da “tradição oratória” na cultura brasileira, a qual, segundo o autor, é resultado da relação inescapável entre o desenvolvimento de nossa literatura e os públicos existentes, os quais correspondiam basicamente aos auditórios, de modo que

[...] a formação de um público em nossas letras esteve fundamentalmente relacionada às ocasiões dominadas pelo sermão e pelo recitativo, o que por sua vez condiciona a atividade escrita, exigindo-lhe adequação às exigências da expressão oratória. (BULHÕES, 1999, p. 129).

Bulhões traça uma linha de continuidade da tradição oratória, tomando como ponto de partida o papel da cultura letrada no período colonial:

À expressão da tendência oratória corresponde a extrema precariedade dos mecanismos de difusão literária, aliada ao grande contingente de analfabetos. Desse modo, o mundo das letras no período colonial esteve associado à comemoração pública e à cerimônia religiosa; os sermões do Padre Antônio Vieira, de Eusébio de Matos ou de Antônio de Sá afirmavam-se como mecanismos adequados de difusão literária num contexto de exígua atividade editorial. A atuação dos pregadores no período colonial sedimentava em nossa história a tradição oratória por força das próprias circunstâncias. (BULHÕES, p. 130).

² Não é nossa intenção discutir aqui a complexa questão da diversidade ou mistura de gêneros, que é importante nos dois autores. Para um estudo mais detido sobre esse aspecto, indicamos os seguintes títulos: Candido, Antonio. *Ficção e confissão* – ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999 e AZEVEDO FILHO, Carlos Aberto. *Hibridismo e ruptura de gêneros em João Antônio*. Assis: Tese de doutorado, UNESP, 2008.

A tendência oratória atravessaria o Barroco e persistiria pelos séculos XVIII e XIX, “[...] sobretudo quando a atividade retórica responderia às necessidades cívicas do escritor, poeta ou romancista, na afirmação do nacionalismo exigida pelo movimento romântico” (BULHÕES, p. 130). Bulhões nos chama a atenção para o fato de que a maior parte de nossos escritores românticos foram estudantes de direito, o que

[...] os colocava conectados com os recursos tipicamente tribunícios; o que alude, por seu turno, ao inevitável vínculo da atuação política com a atividade literária expressa, por exemplo, na eloquência condoreira de Castro Alves, cuja obra evidencia sua missão social no estilo que procura convencer e emocionar. (BULHÕES, p. 130).

O fim do século XIX é o momento em que despontam no cenário brasileiro nomes como Joaquim Nabuco e Rui Barbosa. Este último será visto como “a encarnação de exímio orador”, “cuja carreira jurídica não se dissociou do pendor para a literatura que acrescentaria ao tom condoreiro as preocupações formais e estilísticas do Parnasianismo” (BULHÕES, 1999, p. 130).

Rui Barbosa não é um caso isolado no panorama cultural da *Belle Époque* tupiniquim. A concepção “beletrista” do notável jurista predominará no início do século XX, sendo resistente inclusive às investidas que o Modernismo de 1922 lhe aplica e renovando-se ao longo do século e ganhando novo fôlego no tom “brilhoso e eloquente” com que a imprensa nos anos 1970 tratará o “povo-meu-povo” (ANTÔNIO, 1976, p. 29). O correspondente literário à prosa oratória de Rui Barbosa em sua época é Coelho Neto, que, de modo coerente com seu projeto de literatura, lidera, em 1915, a Liga da Defesa Estética, a qual, juntamente com a Liga Contra o Feio (1908), esta comandada por Luís Edmundo, reflete o interesse em não “enfear” a cidade do Rio, tendo em vista um modelo de beleza europeu (BULHÕES, 1999 e SEVCENKO, 1989).

Segundo Nicolau Sevcenko, os intelectuais hegemônicos da *Belle Époque* carioca valorizavam as “temáticas sedições”, a “linguagem aparatosa, repositada de retórica”, fazendo o jogo das elites também ao manter “um estilo impessoal e anódino” (1989, p. 104).

De acordo com Sevcenko, esses autores: “São os triunfadores do momento, e a sua concepção de cultura pode ser figurada na fórmula com que Afrânio Peixoto, [...] representante ilustre dessa casta especial, definiu a literatura como “o sorriso da sociedade” (1989, p. 104).

Em um país marcado pela extrema desigualdade e por uma multidão de analfabetos, o Rio de Janeiro funcionava como a referida “cidade das letras” de Ángel Rama, uma cidade que buscava esconder, por trás de sua fachada moderna, alguns dos elementos importantes da vida nacional: a especificidade do português falado, a cultura popular, a precariedade socioeconômica da maioria dos habitantes, as marcas da escravidão recém-abolida, entre outros.

2 Século XX e engajamento literário

Autores como Carlos Nelson Coutinho (2011) e Nicolau Sevcenko (1989) são unânimes em destacar a importância de Lima Barreto para o questionamento da “cidade das letras” no início do século XX, conforme podemos ver nas passagens abaixo:

Lima Barreto é [...] um divisor de águas na evolução literária brasileira. Rompendo radicalmente com as tendências esteticistas e escapistas predominantes em sua época, propôs teórica e praticamente um novo realismo (COUTINHO, 2011, p. 138).

Todas as personagens [de Lima Barreto] trazem a marca do seu meio e constituem o objeto privilegiado da crítica social do autor. Nenhum aparece de forma inócua ou decorativa, todos concorrem para consagrar o destino “militante” de sua literatura (SEVCENKO, 1989, p. 162).

Sua atenção escapa do cenário de mármore e cristal montado no centro da cidade e reservado para a convivência e sociabilidade dos beneficiados com as recentes transformações históricas, para deter-se – demoradamente – na realidade enfermiça que se oculta por detrás daquela fachada imponente (SEVCENKO, 1989, p. 163).

Essa recusa à literatura como fenômeno ornamental desligado da dura realidade brasileira aparecerá de maneira destacada no projeto literário de Graciliano Ramos e também no de João Antônio, os quais sustentaram, cada qual a seu modo, concepções de escrita marcadamente comprometidas com os problemas nacionais.

Não é por acaso que João Antônio declarou-se filiado à “ótica à Lima Barreto” (expressão presente no texto “Pingentes”, que será abordado mais adiante³), filiação que o autor paulista declarou de diversas maneiras em sua obra: na escrita de um livro

³ (ANTÔNIO, 1976).

dedicado ao escritor carioca⁴, nas dedicatórias de seus próprios livros (em todas elas consta o nome de Lima Barreto) e nas frequentes menções ao autor em seus textos.

A tal “ótica à Lima Barreto” diz respeito a uma disposição de João Antônio em abordar o cotidiano do brasileiro pobre e denunciar as dificuldades e injustiças a que ele se submete para conseguir sobreviver, uma disposição em afrontar a “cidade das letras”, fazendo da literatura espaço de problematização da realidade.

Com a chamada Geração de 1930 do século XX, a literatura empenhada se define como projeto efetivo. Se o Modernismo de 1920 cumprira o papel de produzir uma renovação estética, com sua recusa à submissão aos cânones europeus e seu combate ao passadismo, é só na década seguinte – e principalmente com o chamado “romance de 30” – que a relação arte e política será central no debate letrado. Nas palavras de Antonio Candido:

Os anos 30 foram de engajamento político, religioso e social no campo da cultura. Mesmo os que não se definiam explicitamente, e até os que não tinham consciência clara do fato, manifestaram na sua obra esse tipo de inserção ideológica, que dá contorno especial à fisionomia do período. (CANDIDO, 2000, p. 182).

Sobre o romance de 30, Luís Bueno comenta:

Escrever romance com a aspiração de denunciar as mazelas sociais, apontando do campo literário para o campo político, é atitude aceita de forma geral naqueles anos em que a luta ideológica é urgente e não admite deserções. (BUENO, 2006, p. 186).

Entre os autores dessa geração, destacam-se os escritores do Nordeste, região de demandas emergenciais, como a situação da seca, e, entre esses, Graciliano Ramos, cujo projeto literário tem em seu cerne o combate à “tradição oratória”. Nas palavras de Bulhões:

Embora extremamente matizada, o que desaconselha uma definição unificadora, a concepção estilística que domina o perfil cultural brasileiro até a semana de 1922, e que repercute até mesmo para além do Modernismo, será alvo privilegiado da crítica da obra de Graciliano Ramos, ainda mais quando sabemos que o espírito acadêmico, inclusive sob a forma de academias, encontra franca

⁴ Referimo-nos a *Calvários e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* (ANTÔNIO, 1977).

adesão e desempenho junto às realidades provincianas, o contexto conhecido pelo leitor e jovem escritor Graciliano Ramos [...] (BULHÕES, 1999, p. 132).

Tendo em vista a perspectiva que vimos abordando até aqui, podemos dizer que a literatura no Brasil se inicia com o escritor encastelado na “cidade das letras”, isolado da realidade nacional pela muralha da instrução formal e todos os valores a ela associados – eurocentrismo, culto aos clássicos europeus, desprezo pela cultura popular – e que aos poucos vai sendo ocupada por vozes divergentes que não compactuam com os valores das elites e buscam diálogo com o Brasil concreto. É o caso de Graciliano Ramos, que em algum momento irá chamar essa tradição oratória de “ouro falso”⁵. É o caso também de João Antônio que, num novo contexto de acelerada modernização nacional, com o propalado “milagre econômico” da ditadura de 1964 e outras atualizações da modernização conservadora, denunciará o tom “brilhoso” com que o discurso hegemônico aludirá ao “povo-meu-povo” (ANTÔNIO, 1976, p. 29).

Nosso próximo passo é observar como essa postura inconformista dos dois autores foi manifesta em alguns de seus textos não ficcionais, ocupando-nos, portanto, menos da realização estética e mais da *concepção de literatura* de cada um deles. Se os textos ficcionais de Graciliano Ramos e de João Antônio apresentam uma metalinguagem questionadora do próprio *status* da literatura (BULHÕES, 1999 e MARTIN, 2008), os textos não ficcionais dos autores explicitam essa intenção, de modo a nos possibilitar a integração de um pensar sobre a literatura a um fazer literário.

3 “A palavra não foi feita para enfeitar”⁶

Acreditamos que essa declaração de Graciliano Ramos possa ser tomada como uma síntese de seu projeto literário e intelectual: “A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso. A palavra foi feita para dizer.”

Graciliano tem uma trajetória marcada pelo inconformismo. De um lado, travou batalha com a palavra oficial, o academicismo e o beletrismo brasileiros, contra os quais

⁵ A frase completa é esta: “A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer”. Segundo o site oficial de Graciliano Ramos, essas palavras foram usadas pelo autor na entrevista em que concedeu para Joel Silveira, em 1948. Cf. <http://graciliano.com.br/site/2012/11/em-entrevista-a-joel-silveira/>.

⁶ Ver nota 5.

escreveu e se declarou de diversas maneiras e em diferentes situações. De outro lado, recusou-se a cultivar ou mesmo a elogiar o realismo socialista que era produzido sob a batuta de Zdanov e do regime soviético (MORAES, 1993). Em ambos os casos, acreditamos, Graciliano brigava contra um mesmo e único “ouro falso”: os torneios vazios da tradição acadêmica à Rui Barbosa, nacionalista ufanista, retórica, impregnada de expedientes-clichês classicistas (BULHÕES, 1999) e a visão romântica do proletariado e do mundo novo apresentado pelo socialismo soviético, com suas formulações maniqueístas.

Autor de uma obra ficcional altamente conceituada pela crítica, Graciliano Ramos também escreveu importantes textos não ficcionais, dentre os quais destacaremos alguns presentes em *Linhas tortas*, livro póstumo publicado em 1962, que reúne crônicas escritas pelo autor entre 1915 e 1952. Destacaremos, entre os textos, trechos de: “Norte e sul”, “Os donos da literatura” e “O romance de Jorge Amado” – o primeiro publicado em 1935 e os dois outros em 1937⁷.

4 *Linhas tortas*

Em “Norte e Sul”, Graciliano procura contrapor-se a uma divisão da literatura brasileira que tomava como base os critérios geográficos. Em vez dela, o cronista oferece outra distinção: aquela que há entre os autores que “gostam de escrever sobre coisas que existem na realidade” e os que “preferem tratar de fatos que existem na imaginação” (RAMOS, 2005, p. 191). Ao primeiro grupo, corresponderia um “espiritualismo literário”, que para Graciliano é apenas “tapeação”, tentativa de esconder a realidade:

Os inimigos da vida torcem o nariz e fecham os olhos diante da narrativa crua, de expressão áspera. Querem que se fabrique nos romances um mundo diferente deste, uma confusa humanidade só de almas, cheias de sofrimentos atrapalhados que o leitor comum não entende. Põem essas almas longe da terra, soltas no espaço. Um espiritualismo literário excelente como tapeação. Não admitem as dores ordinárias, que sentimos por as encontrarmos em toda a parte, em nós e fora de nós. A miséria é incômoda. Não toquemos em monturos (RAMOS, 2005, p. 192).

⁷ Usamos como referência a edição *Linhas tortas*: Rio de Janeiro: Record, 2005.

Entre os autores do segundo grupo, Graciliano destaca alguns nordestinos que, em diálogo com a realidade que observam, registraram em seus livros elementos como “facas de ponta, chapéus de couro, cenas espalhafatosas, religião negra, o cangaço e o eito, coisas que existem realmente [...]” (RAMOS, 2005, p. 192).

Em “Os donos da literatura”, Graciliano Ramos retorna à abordagem dos dois grupos distintos de autores brasileiros. Um deles seria o dos “donos” da literatura, isto é, os praticantes da “literatura honorária, escorada e oficial”. Esse grupo é composto por “cidadãos bem educados, que falam com perfeição línguas difíceis e sabem frequentar a embaixada.” (RAMOS, 2005, p. 139).

Para Graciliano:

Há realmente uns figurões que se tornaram, com habilidade, proprietários da literatura nacional, como poderiam ser proprietários de estabelecimentos comerciais, arranha-céus, usinas, charqueados, ou seringais. São muito importantes e formam um pequeno sindicato que representa a inteligência indígena lá fora, nos pontos em que ela precisa aparecer de casaca (RAMOS, 2005, p. 138).

O cronista contrasta os dois tipos de literatura: “A primeira comparece a sessões solenes e manifesta-se em discurso; a segunda atrapalha-se e mete os pés pelas mãos na presença de gente de cerimônia e só desembucha no papel” (RAMOS, 2005, p. 139).

Graciliano associa o “mando” da literatura ao poder econômico: o primeiro grupo de escritores, “donos da literatura”, os ricos, o segundo grupo seria constituído de pessoas de vida financeira precária. Após questionar por que razão os ricos resolvem escolher “ofício tão ruim”, o cronista dá a resposta: porque “ser literato é bonito” (2005, p. 138), caso contrário, continua,

[...] não se compreenderia que pessoas razoáveis, bons pais de família, com dinheiro no banco e muita consideração na praça, homens gordos, gordíssimos, escolhessem uma profissão que serve para matar a fome dos sujeitos que pretendem viver dela (RAMOS, 2005, p. 139).

A contradição é a seguinte: o escritor que só produz por vaidade é abonado e pode se promover à vontade, enquanto o autor que tem relação genuína com a escrita não consegue sobreviver de sua literatura.

Eis mais um contraste entre as duas literaturas:

Há uma literatura que ninguém tem, que talvez nem tenha sido produzida, que se oferece ao estrangeiro, não em volumes, mas nas figuras de cidadãos bem educados, que falam com perfeição línguas difíceis e sabem frequentar embaixadas. Há outra, suada, ainda bem fraquinha, mas enfim uma coisa real, arranjada não se sabe como por indivíduos bastante ordinários (RAMOS, 2005, p. 139).

Conforme vemos no trecho acima, os “donos da literatura” não são necessariamente produtores de textos literários; talvez não tenham sequer talento para isso – o que eles têm, e que lhes confere autoridade literária, são disposições objetivas e simbólicas que lhes permitem outorgar-se o título (“bonito”) de literatos (BOURDIEU, 2007).

Já o outro grupo, que se encontra em situação socialmente desfavorável, e enfrentando as adversidades, procuraria fazer uma “coisa real” (RAMOS, 2005, p. 139), nas palavras do cronista.

A solução sarcástica é lançada ao fim do texto: para resolver o impasse, o escritor endinheirado deveria não escrever e, sim, custear a produção dos autores e esses, em paga, permitiriam aos donos da literatura que estampassem seu nome na capa dos livros, de modo a saciarem sua vaidade.

Em “O romance de Jorge Amado”, Graciliano retoma a divisão dos escritores em dois grupos antagônicos. O primeiro é composto pelos que se distanciam da realidade, buscando manter seu conforto e privilégios. Nas palavras do autor:

Há uma literatura antipática e insincera que só usa expressões corretas, só se ocupa de coisas agradáveis, não se molha em dias de inverno e por isso ignora que há pessoas que não podem comprar capas de borracha. Quando a chuva aparece, essa literatura fica em casa, bem aquecida, com as portas fechadas. E se é obrigada a sair, embrulha-se, enrola o pescoço e levanta os olhos, para não ver a lama nos sapatos (RAMOS, 2005, p. 127).

Essa literatura que busca se preservar da realidade das ruas, da verdade do homem comum, é entendida como “insincera” e “só usa expressões corretas”. O outro tipo de literatura é assim caracterizado pelo cronista:

Os escritores atuais foram estudar o subúrbio, a fábrica, o engenho, a prisão da roça, o colégio do professor cambembe. Para isso resignaram-se a abandonar o asfalto e o café, viram de perto muita porcaria, tiveram a coragem de falar errado, como toda a gente, sem

dicionário, sem gramática, sem manual de retórica. Ouviram gritos, pragas, palavrões, e meteram tudo nos livros que escreveram. Podiam ter mudado os gritos em suspiros, as pragas em orações. Podiam mas acharam melhor pôr os pontos nos *ii* (RAMOS, 2005, p. 129)

Aqui, Graciliano faz uma alusão ao uso informal da língua como elemento potencializador da crítica social – mais do que isso: o elemento mais eficaz, porque mais sincero, o que põe “os pontos nos *ii*”.

Nas três crônicas encontramos a divisão em dois grupos de escritores: os que se comprometem com a realidade e os que dela se desligam, seja pelo culto à personalidade, seja pelo culto à forma – de qualquer modo, acreditamos já ser possível chegar a uma conclusão parcial: o primeiro tipo de literatura corresponde ao “ouro falso”, o tipo de literatura que Graciliano combateu e contra a qual procurou escrever, dentro de sua perspectiva de autor engajado.

Vejamos agora, a partir de dois textos de João Antônio, como o autor paulista abordou a questão.

5 “Um corpo-a-corpo com a vida brasileira”⁸

Comparada à de Graciliano Ramos, a obra de João Antônio tem menor circulação entre o leitorado brasileiro. Após sucesso imediato de público e crítica com seu primeiro livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*, em 1963, que lhe rendeu vários prêmios (o Prêmio Jabuti, por exemplo), o autor volta a ser publicado somente em 1975, com os livros *Leão-de-chácara* e *Malhação do Judas Carioca*. Este último, que será parcialmente abordado aqui, traz no final uma espécie de carta de princípios literários do autor – “Corpo-a-corpo com a vida” –, em que ele faz críticas ao apego formal da literatura de seu tempo, avaliando-o como modo de escapismo. A pesquisadora Jane Pereira define esse “corpo-a-corpo com a vida” como uma teoria joãoantoniana, a partir da qual, “o escritor salienta a impossibilidade em se dissociar vida e obra, realidade e literatura” (PEREIRA, 2001, p. 42).

Como Graciliano Ramos, que foi, aliás, decisivo para sua formação literária⁹, e com cujo filho – Ricardo Ramos – o autor paulista estabeleceu relação profissional e de

⁸ Expressão presente no texto “Corpo-a-corpo com a vida” (ANTÔNIO, 1976, p. 146).

amizade, João Antônio assumiu o compromisso de fazer da literatura um espaço de questionamento da realidade. Escolhemos explorar a questão a partir da análise de dois textos de *Malhação do Judas Carioca*¹⁰, livro em que João Antônio radicaliza a fusão entre literatura e jornalismo e que é compreendido, por isso, como um divisor de águas em sua trajetória – os dois textos são “Pingentes” e “Corpo-a-corpo com a vida”.

6 *Malhação do Judas Carioca*

Em “Pingentes”, João Antônio aborda a realidade dos passageiros da Central do Brasil, pessoas que, não encontrando espaço no interior dos vagões dos trens, viajam dependurados do lado de fora. Para o autor, essas pessoas só são lembradas quando morrem acidentadas, pois, em geral, a grande imprensa pouco se importa em noticiá-las. João Antônio alerta para o fato desse tipo de passageiro não ser novidade na cidade do Rio. Leiamos as próprias palavras do autor:

Pingentes. Os dependurados do Rio vêm de longe. Em dezembro de 1921 já não eram novidade nenhuma nos trens da Central do Brasil. E, embora naquela época nossos escritores estivessem preocupados com beletismos e parnasianismos, um mulato pobre que não passou de funcionário miúdo do Ministério da Guerra [...], chamado Lima Barreto [...] denunciava num de seus romances [...] que “o subúrbio é o refúgio dos infelizes” (ANTÔNIO, 1976, p. 24).

Como nas crônicas de Graciliano Ramos, vemos nesse conto-reportagem¹¹ uma divisão entre dois tipos de escritores: os que se preocupavam “com beletismos e parnasianismos” e o que é um “mulato pobre que não passou de funcionário miúdo do

⁹ Em “João Antônio, leitor”, Clara Ávila Ornelas chama a atenção para a “visão atenta quanto ao fazer literário de Graciliano” por parte do autor paulista. In: OLIVEIRA, Ana Maria Domingues et al (Org.). *Papéis de escritor: Leituras sobre João Antônio* (2008).

¹⁰ Usamos como referência a edição: ANTÔNIO, João. *Malhação do Judas Carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

¹¹ Essa denominação baseia-se na abordagem que Carlos Alberto Farias de Azevedo Filho (2008) faz de *Malhação do Judas Carioca*, livro marcado pelo hibridismo entre texto literário e jornalístico e no qual tem origem o – assim chamado por João Antônio – “conto-reportagem”. Embora não tenhamos encontrado, nesse e em nenhum outro estudo, a classificação de “conto-reportagem” especificamente para o texto “Pingentes” e, sob uma série de aspectos, julgamos que ele possa ser definido também como uma crônica, essas palavras de Azevedo Filho nos deixaram à vontade para tratar “Pingentes” como um conto-reportagem: “Trazendo a marca do hibridismo e da ruptura de gêneros, os textos de *Malhação...*, na verdade, indicam uma mudança de direção na obra de João Antônio, na qual ele incorpora ao jornalismo a experiência de contista e incorpora também à literatura as técnicas narrativas do jornalismo literário, em especial do New Journalism” (AZEVEDO FILHO, 2008, p. 73).

Ministério da Guerra”: Lima Barreto. Para o narrador-repórter, falta, na abordagem do drama vivido pelos passageiros pingentes, uma “ótica à Lima Barreto”.

Conforme João Antônio:

Nos últimos dias de maio de 74, os jornais registravam, apenas naquele ano, mais de quinhentos casos de desastres com pingentes – trinta e seis mortos e quatrocentos e noventa e dois feridos. Curioso como sobre todo o problema falta uma ótica à Lima Barreto. Ou melhor, como seus intérpretes, repórteres, escribas ou responsáveis, conseguem imediatamente enxergar tudo sob o ângulo de quem não é passageiro da Central e vê o desastre do lado de fora (ANTÔNIO, 1976, p. 25).

Na diferenciação de dois tipos de tratamento da realidade, vemos agora a oposição proximidade/distanciamento do fato em si: os “escribas” da grande imprensa observam os pingentes a distância, vendo “o desastre do lado de fora”, isto é, enxergando o problema de modo distanciado. Enquanto isso, uma “ótica à Lima Barreto” enxergará os pingentes sob o ângulo dos passageiros da Central. Esse distanciamento em relação à realidade remete-nos à crônica “O romance de Jorge Amado”, na qual Graciliano, com ironia, ataca a literatura que “fica em casa bem aquecida, com as portas fechadas” e faz alusão aos autores de atitude oposta, que foram “estudar o subúrbio, a fábrica, o engenho, a prisão da roça, o colégio do professor cambembe” (RAMOS, 2005, p. 127).

João Antônio comenta sobre os pingentes:

Mais do que pobres, os passageiros da Central do Brasil parecem não apenas pingentes nos trens, mas pingentes da cidade, uma espécie, em quantidade e qualidade, de sobreviventes urbanos, sempre pendurados na cidade e nunca fixos, estabilizados ou tranquilos (ANTÔNIO, 1976, p. 25).

Os passageiros da Rede Ferroviária Federal – pingentes – constituem uma representação metonímica de todo o conjunto de cidadãos marginalizados dos centros urbanos brasileiros. Isso fica reforçado pelo trecho seguinte do texto:

Homens, mulheres e crianças que viajam ao lado dos passageiros, em todos os horários dos trens, fazem parte de uma população à margem do Rio de Janeiro. Aleijados, pedintes de esmolas, drops, balas, amendoim, revistinhas e jornais, cegos e velhos, gente sem eira nem beira [...] (ANTÔNIO, 1976, p. 28).

Para João Antônio, essa dura realidade dos pobres, bem como outros aspectos da vida brasileira, foram, no começo do século XX – e continuavam sendo, no contexto do autor – tratados a partir de uma perspectiva “brilhosa”. Nas palavras do contista-repórter, com as quais ele conclui “Pingentes”:

[...] pela visão de Lima Barreto, as coisas talvez ficassem assim: toda a Zona Norte, o chamado Rio Esquecido não tem nenhuma representatividade política, tudo é feito e dirigido para a Zona Sul da cidade. [...]

Tudo para a Zona Sul, o lado rico da cidade. Um dado – enquanto do lado de lá do Túnel Novo, entre Copacabana e Leblon, vivem cerca de quinhentas mil pessoas, na Zona Norte e no Grande Rio estão os que restam: cerca de três milhões e quinhentos mil. Exatamente aquelas pessoas a que os escribas e intérpretes agora chamam brilhantemente de povo-meu-povo. Lima não era brilhoso, nem eloquente e os chamava de infelizes. (ANTÔNIO, 1976, p. 29).

Os escribas e os intérpretes referidos por João Antônio, com sua abordagem demagógica, se assemelham aos romancistas denunciados por Graciliano em “Norte e sul”: “os inimigos da vida” que “não admitem as dores ordinárias, que sentimos por as encontrarmos em toda a parte, em nós e fora de nós” (2005, p. 192). Sua fala “brilhosa” e “eloquente” os aproxima dos palradores esnobes de “Donos da literatura”, “[a literatura] que comparece a sessões solenes e manifesta-se em discurso” (2005, p. 139).

Em vez da demagogia e da eloquência, o que João Antônio defende é um “corpo-a-corpo com a vida”, conforme será desenvolvido no “manifesto-depoimento” (AZEVEDO FILHO, 2008, p. 72) com que o autor encerra *Malhação do Judas Carioca* – o texto “Corpo-a-corpo com a vida”, no início do qual já se lê uma severa crítica aos “ismos” literários e à perpetuação do beletismo entre nós:

A maioria dos depoimentos que tenho lido me parecem testemunhos de uma época em que quase todos estão preocupados com o acessório, o complementar, o supérfluo, ficando esquecido o fundamental, o essencial. Assim, grande parte dos escritores que depõem hoje sustenta preocupação vinculada à forma, sob a denominação de um “ismo” qualquer. Lamentável ou incrível. As posições beletristas não mudaram entre nós, sequer um milímetro, nos últimos quinze anos (ANTÔNIO, 1976, p. 143).

As características apresentadas nesse primeiro parágrafo são próprias do primeiro grupo de autores, os quais apresentam “[...] a gula pelo texto brilhoso, pelos efeitos de estilo, pelo salamaleque e flosô espiritual” (ANTÔNIO, 1976, p. 143).

João Antônio vai associar essa tendência da literatura com a subserviência aos modismos estrangeiros, em lógica semelhante ao do eurocentrismo dos “triunfadores” da *Belle Époque*, como vimos mais atrás.

O autor prossegue, propositivo: “O de que carecemos, em essência, é o levantamento de realidades brasileiras, vistas de dentro para fora. Necessidade de que assumamos o compromisso com o fato de escrever sem nos distanciarmos do povo e da terra” (ANTÔNIO, 1976, p. 144). E faz menção a uma tradição literária no Brasil, que daria sustentação a tal projeto:

Afinal a literatura brasileira deixou uma seiva, antes de qualquer outra qualidade. Um compromisso com a coisa brasileira, sem retoques, imposturas e embelecões mentais. A que ficou e pode servir de exemplo foi sempre produzida por uma atitude de caráter, de análise crítica e crítica realista, de novas propostas, de atitudes modificadoras e renovadoras, de denúncia, revelação e participação (ANTÔNIO, 1976, p. 144).

Vemos aqui a defesa da literatura engajada, política, e a crítica à “tradição oratória”. João Antônio mostra sua filiação a outra tradição, aos autores que

[...] brigaram e se consumiram nessa briga, homens que não aceitaram a literatura como um pó de vaidade, um ilustre, involuntário, cósmico bem divino e inútil. Que desemboca numa produção para a indiferença e o escárnio dos leitores [...] (ANTÔNIO, 1976, p. 145).

A postura dos autores elogiados nos remete aos que Graciliano alude em “O romance de Jorge Amado”, àqueles que “Ouviram gritos, pragas, palavrões, e meteram tudo nos livros que escreveram”, os autores que “podiam ter mudado os gritos em suspiros, as pragas em orações. Podiam, mas acharam melhor pôr os pontos nos *ii*.” (RAMOS, 2005, p. 129).

Novamente João Antônio menciona a existência de certa tradição engajada na literatura brasileira, à qual sugere se filiar – mas agora faz referência aos autores nominalmente:

Sendo um compromisso de caráter com a vida, o povo e a terra, ela [a literatura] já teve, entre nós (sic) uma frente de luta, questionamento, discussão, apelo, denúncia, busca de uma verdade brasileira. Oswald, Lima, Graciliano, José Lins do Rego, Manuel Antônio de Almeida se recusaram a produzir para a gloriuzinha, a vaidade e o riso inconsequente de uma sociedade (ANTÔNIO, 1976, p. 145).

É interessante destacar, entre outros nomes, o de Lima Barreto e, para nossos propósitos, mais ainda o de Graciliano Ramos.

Considerações finais

Com o que expusemos até aqui talvez seja possível concluir que os dois autores em foco apresentaram pontos de vista convergentes sobre a literatura: tanto a partir da negação de um modelo – a “cidade das letras”, a “tradição oratória” –, quanto da defesa de outro – a literatura que tem coragem de mexer nos “monturos”, a “ótica à Lima Barreto”. Os dois autores, cada qual em seus termos e em seu contexto de produção, combateram a literatura feita para “enfeitar”, “brilhar como ouro falso”, a literatura “brilhosa e eloquente” e defenderam a literatura como “uma coisa real”, “corpo-a-corpo com a vida”. Dessa maneira marcaram seu posicionamento como escritores empenhados na sustentação da literatura como fenômeno de transformação social e, não por acaso, digamos de passagem, tiveram sua obra tão marcada pela intervenção e pela denúncia contra a injustiça, bem como pelo espaço aberto ao diálogo com a população pobre do Brasil, os “pingentes” de nossa modernização excludente. É o que podemos verificar em livros tão emblemáticos como *Vidas secas* e *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, João. *Malhação do Judas Carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

_____. *Calvários e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

_____. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

_____. *Contos Reunidos*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

AZEVEDO FILHO, Carlos Aberto. *Hibridismo e ruptura de gêneros em João Antônio*. 2008. 210 p. Tese (Doutorado) – Unesp, Faculdade de Ciências e Letras, Assis.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Trad. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo; Campinas: Edusp; Unicamp, 2006.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. *Literatura em campo minado – a metalinguagem em Graciliano Ramos e a tradição literária brasileira*. São Paulo: Anablume, 1999.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão – ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

_____. A revolução de 30 e a cultura. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2000, p. 181-198.

_____. Na noite enxovalhada. (Prefácio). In: ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. São Paulo: Cosac Naif, 2004, p. 5-12.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

LACERDA, Rodrigo. Ele está de volta. (Apresentação). In: ANTÔNIO, João. *Contos Reunidos*. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 13-40.

_____. *João Antônio: Uma Biografia Literária*. 2006. Tese (Doutorado) – USP, Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, São Paulo.

MORAES, Dênis de. *O velho Graça – uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

MARTIN, Vima Lia. *Literatura e marginalidade – um estudo sobre Malagueta, Perus e Bacanaço de João Antônio e Luuaada de Luandino Vieira*. São Paulo: Alameda, 2008.

NAPOLITANO, Marcos. *História do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues, ORNELLAS, Clara Avilla e SILVA, Telma Maciel da (Org.). *Papéis de escritor: leituras sobre João Antônio*. Assis: FLC-Assis-UNESP-Publicações, 2008.

PEREIRA, Jane Christina. *Estudo crítico da bibliografia sobre João Antônio (1963-1976)*. 2001. Dissertação (Mestrado) - Unesp, Faculdade de Ciências e Letras, Assis.

RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. *Linhas tortas*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

RAMOS, Ricardo. *Retrato fragmentado*. Rio de Janeiro: Globo, 2011.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Trad. Berilo Vargas. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

Data de submissão: 25/08/2015

Data de aprovação: 05/10/2015